

# MARIANA SILVA

## PAVILHÃO DAS FORMAS SOCIAIS

## SOCIAL FORMS PAVILION

**CURADORIA** Margarida Mendes

**galerias  
municipais**  
PAVILHÃO  
BRANCO

Pavilhão das Formas Sociais problematiza a relação histórica entre sociedades animais e humanas, analisando o movimento de enxames e multidões, e algumas das suas mutações recentes. O pavilhão compara coletivos humanos e insetos sociais – como formigas e abelhas – e como a relação porosa entre natureza e cultura permeia políticas sociais, noções de tecnologia, e o desenvolvimento da inteligência artificial. Numa era em que o controlo e a vigilância não se parecem opor aos ideais de horizontalidade e imanência: de que forma é que visões tecno-utópicas informam sistemas tecnológicos vigentes? Quando é que estes reconfiguram o espaço de potencialidade do corpo político e quando é que estes se tornam numa ideologia?

A história dos insetos sociais coloca questões sobre instinto, opostas em termos evolucionários à inteligência desde Darwin, representando estranheza e alteridade em contraposição à inteligência humana. Perguntando como é que a inteligência animal ou o comportamento de multidões podem ser reinterpretados na era algorítmica, esta exposição cruza eixos de reflexão, que se encadeiam nos vários espaços do pavilhão.

A série de novas comissões de Mariana Silva continua a temática que a artista desenvolveu no ano passado, sob forma de ficção especulativa, em *Olho Zoomórfico* (Museu Gulbenkian, 2017), ampliando-a em diferentes obras. No Pavilhão das Formas Sociais, a artista parte de um léxico visual composto por imagens documentais, dando primazia à referenciação cruzada de materiais e cronologias científicas e biopolíticas, incluindo elementos como a ficção série B de Hollywood. Na entrada do Pavilhão encontramos uma cronologia que inclui referências sobre a história social dos insetos e multidões. Nas salas contíguas do piso térreo, encontramos uma série de ecrãs justapostos às janelas do jardim, onde podemos ver excertos de filmes ficção científica e desenhos animados que incorporam também narrativas com insetos, formigas, e multidões humanas.

Ambas as salas incluem também uma série de réplicas de formigueiros da espécie *Pogonomyrnx badius* em metal e *papier-maché*, elaboradas pelo artista Edgar Pires. Formigueiros estes que partem das formas obtidas pelo mirmecologista Walter Tschinkel, que ao fazer o levantamento dos mesmos preenche com metal fundido os orifícios cimeiros do formigueiro, revelando a matriz do espaço negativo escavado e a complexidade da sua arquitetura subterrânea.

**até 27 / 01 / 2019**

**terça a domingo**



**10h–13h e 14h–18h**

**PAVILHÃO BRANCO**  
**entrada pelo Palácio Pimenta**  
**Museu de Lisboa**  
**Campo Grande**

Nestas salas podemos observar a relação entre as esculturas e os vídeos tendo como pano de fundo o jardim, enquanto acedemos a entrevistas com teóricos como Charlotte Sleight, autora de *Six Legs Better: A Cultural History of Myrmecology* (2007), Jussi Parikka, autor de *Insect Media: An Archaeology of Animals and Technology* (2010), Tania Munz, autora de *The Dancing Bees: Karl Von Frisch and the Discovery of the Honeybee Language* (2016), e o teórico cultural Stefan Jonsson autor de *A Brief History of the Masses: Three Revolutions* (2008).

No andar superior do Pavilhão das Formas Sociais é mostrado um novo vídeo, *Enxames/Turbas* (a partir de *Networks, Swarms, and Multitudes*), que revisita a reflexão em torno de redes, enxames e multidões de 2004 do filósofo Eugene Thacker o interesse de diferentes áreas de estudo de formas imanentes, seja na tecnologia, biologia ou filosofia, perguntando com Donna Haraway se “haverá uma unidade de análise mais pequena do que a relação?” e propondo uma reflexão sobre a mutação na nossa conceção de corpo político.

Apresenta-se também *Do ponto de vista do mamífero*, uma peça desenvolvida pela artista em 2017, onde podemos ver um inseto a ser indexado num museu, enquanto uma voz *off* nos reporta para a perspectiva de mentes não-humanas, sejam elas animais, alienígenas, ou robóticas, e onde conseguimos encarnar o ponto de vista de um inseto, ou mamífero mutante, na reificação da sua própria singularidade ocular.

Esta exposição teve o apoio de Fablab Lisboa.

### **Agradecimentos**

Elisa Aragão, Christian Bosch, Bárbara Bulhão, Luís Coelho, Duarte Crawford, Paulo Crawford, Aveline De Bruin, Rita Duro, Pedro Góis, Bernardo Gaeiras, Joana Gonçalves, Pedro Gonçalves, Gonçalo Gama Pinto, Stefan Jonsson, Joana Manuel, Nuno Marques, Margarida Mendes, Tania Munz, Pedro Neves Marques, Jussi Parikka, Andreia Pires, Edgar Pires, Craig Reynolds, Francisco Rocha, Margarida Rodrigues, Charlotte Sleight, Walter Tschinkel, Francisco Valente e Flávia Violante.

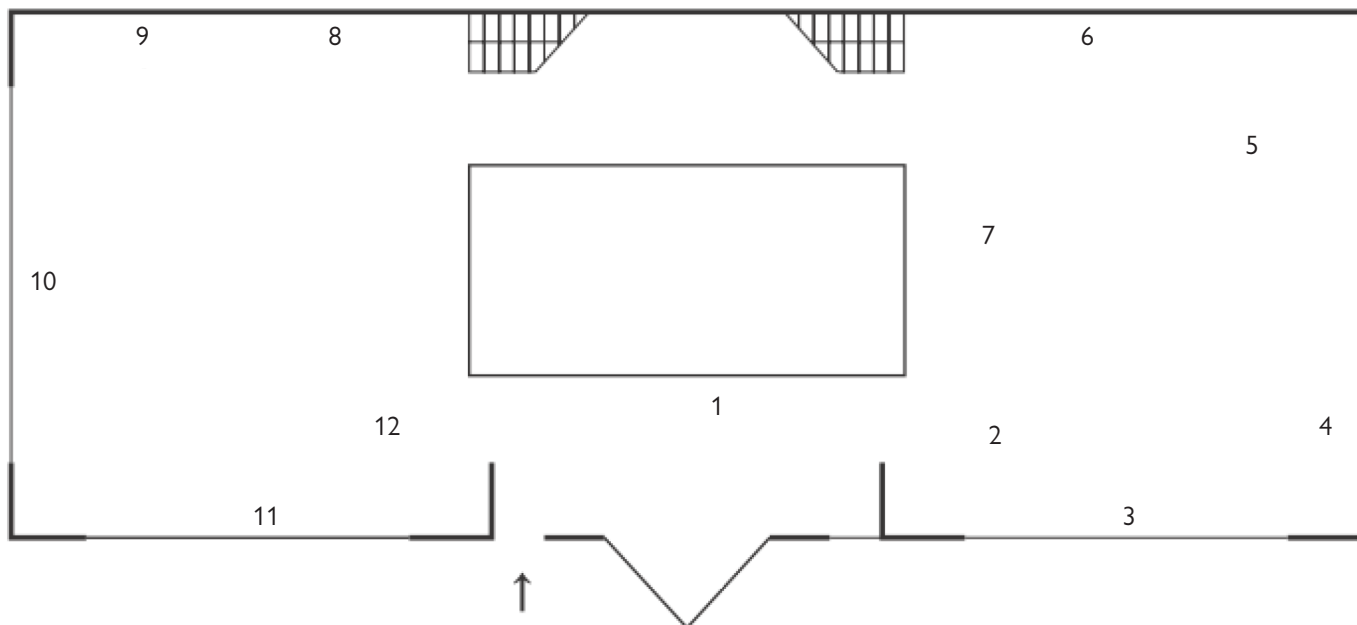
---

### **BIOGRAFIAS**

**Mariana Silva** formou-se na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Apresenta regularmente a sua obra em exposições individuais e coletivas, em contexto nacional e internacional. Destacam-se as exposições individuais: *Olho Zoomórfico* (2017, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa), *Audience Response Systems* (2014, Parkour, Lisboa); *Environments* (2013, e-flux, Nova Iorque), com Pedro Neves Marques; *A organização das formas* (2011, Kunsthalle Lissabon, Lisboa). Colaborou em várias mostras coletivas como: Bienal de Gwangju, (2016, Gwangju, Coreia); *HYPERCONNECTED* (2016, V Moscow International Biennial for Young Art at MMOMA—Moscow Modern Art Museum); Prémio EDP Novos Artistas, (2015, Fundação EDP, Lisboa), *Europe, Europe*, (2014, Astrup Fearnley Museum, Oslo); IndieLisboa, Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa, (2012, Cinemateca de Lisboa, Lisboa).

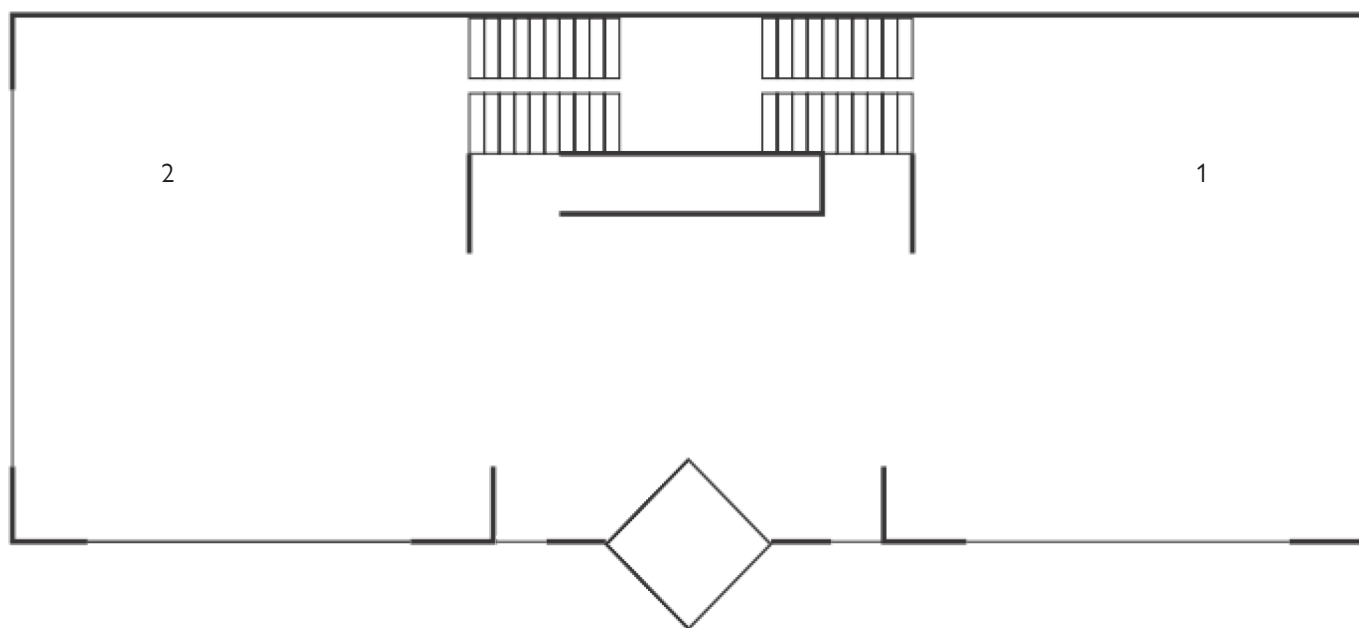
Mariana Silva foi vencedora do prémio EDP Novos Artistas 2015 (Lisboa) e BES Revelação 2008 (Porto). Esteve em residência na Gasworks, Londres (2016) e ISCP, Nova Iorque (2009). Juntamente com o artista e escritor Pedro Neves Marques, desenvolve *inhabitants*, um canal *online* com reportagens exploratórias em vídeo e documentário (<http://inhabitants-tv.org/>).

**Margarida Mendes** é curadora, educadora e ativista. A sua pesquisa – com enfoque no cruzamento da cibernética, filosofia, ecologia e filme experimental – explora as transformações dinâmicas do ambiente e o seu impacto nas estruturas sociais e no campo da produção cultural. Integrou na equipa curatorial da 11ª Bienal de Gwangju (2016) e na 4ª Bienal de Design de Istanbul (2018). Dirigiu várias plataformas educacionais, tais como *escuelita*, uma escola informal no Centro de Arte de Mayo (CA2M), Madrid (2017), o projeto *The Barber Shop* em Lisboa (2009-15), e a plataforma de pesquisa curatorial e investigação ecológica, *The World In Which We Occur* (2014-). Correntemente é doutoranda no Centre for Research Architecture, Visual Culture Department, Goldsmiths University of London.



## PISO 0

- |  |  |  |
|--|--|--|
| <p><b>1.</b><br/><i>História Social dos Insetos e das multidões</i>, 2018<br/>Wallprint<br/>250 x 80 cm</p>                          | <p><b>5.</b><br/><i>Pogonomyrnx badius colónia 82</i>, 2018<br/>Metal, <i>papier maché</i> e grafite em pó,<br/>67 x 49 x 190 cm</p> | <p><b>9.</b><br/><i>Entrevista a Stefan Jonsson</i>, 2018<br/>iPad e banco de cerejeira</p>  |
| <p><b>2.</b><br/><i>Pogonomyrnx badius colónia 155</i>, 2018<br/>Metal, <i>papier maché</i> e grafite em pó<br/>50 x 38 x 235 cm</p> | <p><b>6.</b><br/><i>Entrevista a Jussi Parikka</i>, 2018<br/>iPad e banco de cerejeira</p>   | <p><b>10.</b><br/>Excertos de “Albert in Blunderland”,<br/>“Them!”, “Metropolis” e “October”</p>   |
| <p><b>3.</b><br/>Excertos de “Tout Va Bien” e “Phase IV”</p>   | <p><b>7.</b><br/><i>Pogonomyrnx badius colónia 64</i>, 2018<br/>Metal, <i>papier maché</i> e grafite em pó<br/>44 x 33 x 185 cm</p>  | <p><b>11.</b><br/>Excertos de “Invasion of the Bee Girls”,<br/>“Johnny the Giant Killer”, “Workers<br/>leaving the Lumière Factory” e “2084”</p> |
| <p><b>4.</b><br/><i>Entrevista a Charlotte Sleight</i>, 2018<br/>iPad e banco de carvalho</p>  | <p><b>8.</b><br/><i>Entrevista a Tania Munz</i>, 2018<br/>iPad e banco de carvalho</p>   | <p><b>12.</b><br/><i>Pogonomyrnx badius colónia 146</i>, 2018<br/>Metal, <i>papier maché</i> e grafite em pó<br/>42 x 38 x 216 cm</p>            |



## PISO 1

### 1.

*Enxames/Turbas* (a partir de *Networks, Swarms, and Multitudes*), 2018  
Vídeo, ecrã convexo e banco de cortiça  
6'15"

### 2.

*Do ponto de vista do mamífero*, 2017  
Vídeo e ecrã de mdf  
5'42"  
Cortesia Coleção de Bruin-Heijn